

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
27 de Junho de 2023

LÉGUA / 2023

um filme realizado por Filipa Reis e João Miller Guerra

Realização: Filipa Reis, João Miller Guerra / **Escrito por:** João Miller Guerra, Filipa Reis, Sara Morais, José Filipe Costa, Letícia Simões / **Director de Fotografia:** Vasco Viana / **Música Original:** Ricardo Jacinto, Hypogeo / **Assistente de Realização:** Emídio Miguel / **Preparação de Elenco:** Kleider Luciano Risso / **Figurinista:** Susana Abreu / **Maquilhagem e Cabelos:** Maria Almeida Nani / **Design de Produção:** Marco Ascanio Viarigi / **Montagem:** Luísa Homem / **Direcção de Som:** Benoît Guérineau / **Edição de Som:** Benoît Gargonne / **Com:** Carla Maciel (Ana), Fátima Soares (Emília), Vitória Nogueira da Silva (Mónica), Sara Machado (Sofia), Paulo Calatré (Victor), Manuel Mozos (Guilherme).

Direcção de Produção: Joana Vaz da Silva / **Produção:** Uma Pedra no Sapato / **Produtoras:** Rachel Daisy Ellis, Filipa Reis / **Co-produção:** Laranja Azul, KG Productions, Stayblack Productions / **Co-produtores:** Catarina Mourão, Alexandre Gavras, Jon Coplon / **Vendas Internacionais:** Luxbox / **Distribuição Nacional:** Uma Pedra no Sapato / **Financiamento:** ICA – Instituto do Cinema e do Audiovisual, Fundo de Apoio ao Turismo e ao Cinema, RTP - Rádio e Televisão de Portugal, CNC – Centre national du cinéma et de l’image animée, MiC – Ministero della Cultura, Eurimages – Council of Europe, Ibermedia / **Cópia:** DCP, cores, 119 minutos / **Estreia Mundial:** Quinzaine des Cinéastes du Festival de Cannes, 23 de Maio de 2023 / **Estreia em Portugal:** 29 de Junho de 2023.

Com a presença dos realizadores

A sessão desta noite na Esplanada não terá o habitual intervalo, havendo uma breve apresentação no início.

Começámos a pensar neste filme a partir das nossas idas e vindas a esta casa familiar, transmitida de geração em geração, resistente e impávida perante as vidas que por ali passaram, os gestos que a mantém, os ciclos da natureza ao redor, tão surpreendente como constante. Neste espaço estranhamente habitado, queríamos captar simultaneamente o tempo que flui e transporta as coisas até ao seu fim, e as promessas de renovação e transformação que surgem permanentemente.

Esta casa senhorial abriga e estrutura relações ancestrais - de cuidado familiar, de transmissão patrimonial, de estruturação social. Uns são proprietários, outros trabalham para que os primeiros usufruam do seu património. E todos, de estranhas e diferentes

formas, cuidam uns dos outros e dos seus respectivos lugares. Assim se vão criando memórias, umas fixadas nas fotografias sobre a lareira da sala, outras marcadas nos gestos precisos do dia-a-dia. Começámos a pensar este filme a partir destas ideias diferentes, às vezes quase contraditórias.

Légua fala simultaneamente de repetição e transformação. Filmado durante um ano e ao longo das diferentes estações, os ciclos da natureza não são para nós apenas metáfora temporal ou biográfica: são aquilo que designa os gestos do cultivo e do cuidado da terra, que determina os frutos que aparecem na casa e vão sendo comidos. Estes ciclos lembram a materialidade daquele lugar, e por isso realçam a estranheza da situação das personagens que conservam, limpam, gerem e fazem nascer e crescer para uns padrões que quase nunca aparecem. Esta relação ancestral de poder não é abstracta: existe em cada gesto.

Como em qualquer ordem social são as pessoas, por vezes em pequenos desvios, que criam o mundo de novo - nesse eterno retorno, uma pequena diferença pode parecer uma revolução. Aqui, são mulheres as pessoas que desviam o curso das coisas. Emília, Ana e Mónica, três mulheres de três gerações, em tensão com o presente por diferentes razões, todas elas a viver algum tipo de passagem existencial. Concentrámo-nos no poder de cada uma delas, nas formas como a sua coexistência naquele espaço nos permitiria reflectir sobre a multidimensionalidade de uma vida. Cada uma delas traz um corpo e uma forma de sentir específicos, e na sua interacção novas dimensões da vida aparecem naquele espaço e transformam-no. A doença de Emília, perante o espírito de Ana e a rebeldia de Mónica, inicia um processo de descoberta e afirmação de uma outra espécie de ordem, ainda que instável e fugaz.

Interessou-nos a relação entre uma casa mantida quase imóvel no tempo e os corpos destas mulheres, fortes e em movimento, que começam por repetir gestos antigos e acabam por inventar uma outra forma de cuidado - o cuidado íntimo, amoroso e tenaz, que derruba velhos limites e reconfigura a casa segundo novas urgências. Procurámos filmar o erotismo envolvido neste cuidar do outro, no encontro entre duas pessoas que se reconhecem mutuamente na sua força e importância. Ao mesmo tempo Mónica apontou-nos uma linha de fuga, um novo princípio transformador, um futuro que se começa a inventar.

Légua é talvez, portanto, uma reflexão pessoal sobre possibilidades que apenas pudemos entrever e intuir naquela casa, ao longo da nossa história. Para tal, procurámos o encontro entre as três mulheres que havíamos imaginado, as três actrizes que lhes deram vida, e a sua relação com os ciclos daquele lugar. Foi justamente nesse ponto vital que descobrimos o olhar com que construímos este filme.

Filipa Reis e João Miller Guerra